

# OS USOS DA *CARTILHA CAMINHO SUAVE* EM ESCOLAS GAÚCHAS: UM ESTUDO EM CADERNOS DE ALUNOS EM FASE DE ALFABETIZAÇÃO

THE USE OF THE *CARTILHA CAMINHO SUAVE* IN SCHOOLS IN THE STATE OF RIO GRANDE DO SUL: A STUDY FROM NOTEBOOKS OF STUDENTS LEARNING TO READ AND TO WRITE

**Eliane Peres**

Professora da FaE/UFPEL  
eteperes@gmail.com

**Chris de Azevedo Ramil**

Doutoranda do PPGE/FaE/UFPEL  
chrisramil@gmail.com

## Resumo

Neste artigo abordam-se os usos da cartilha *Caminho Suave* no cotidiano de classes de alfabetização de escolas gaúchas. Os dados foram coletados em cadernos de alunos do acervo do grupo de pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (Hisales). Consultados 651 cadernos de alunos em fase de alfabetização, do período de 1950 até os dias atuais, os resultados da pesquisa indicam que é somente a partir do início dos anos de 1980 que a utilização da *Caminho Suave* aparece nesses cadernos, fenômeno explicado e analisado neste trabalho. Além disso, os dados indicam para um uso plural e variado da cartilha, que vai desde a cópia das palavras, frases e textos das lições e a utilização das imagens, originais ou redesenhadas, até a adaptações feitas pelas professoras em atividades tanto de Linguagem quanto de Matemática.

**Palavras-chave:** Caminho Suave. Cadernos escolares. Alfabetização. Fazeres ordinários de classe.

## Abstract

This paper analyzes uses of the primer *Caminho Suave* in the routine of reading and writing classes in the Brazilian state of Rio Grande do Sul. Data was collected from students' notebooks. These notebooks are part of the collection maintained by the research group History of Literacy, Reading, Writing, and School Books (Hisales). We surveyed 651 notebooks of students learning to read and to write, which includes material from 1950 up to today. Research results indicate that only from early 1980 onwards *Caminho Suave* appears on those notebooks. This paper explains and analyzes this phenomenon. Furthermore, our data indicates a plural and diversified use of the primer, which included copy of words, sentences, and texts from lessons; use of images, either original or redrawn; and adaptation of lessons by teachers for activities both on language and on mathematics.

**Keywords:** *Caminho Suave*. School notebooks. Literacy. Ordinary classroom activities.

## Introdução

Este estudo analisa os usos da cartilha *Caminho Suave* em escolas do Rio Grande do Sul. A referida cartilha foi produzida por Branca Alves de Lima e publicada pela primeira vez em 1948 e é editada até os dias atuais. Vendeu mais de 40 milhões de exemplares até os anos 1990 (*Folha de São Paulo*, 25/11/1997, p. 11), sendo considerada o maior sucesso editorial no Brasil no que tange à venda de livros para o ensino da leitura e da escrita. Aprovada para ser usada nas escolas paulistas, a cartilha se manteve na relação dos livros autorizados para o uso no estado de São Paulo entre o final da década de 1940 até a década de 1970. Posteriormente foi incluída em dois programas federais de subsídios aos livros didáticos: primeiro, no Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental (PLIDEF), nas suas três fases, sob coordenação do Instituto Nacional do Livro (INL), entre os anos de 1971 e 1976; da Fundação Nacional de Material Escolar (FENAME), no período de 1976 a 1983; e, em seguida, da Fundação de Assistência ao Educando (FAE), durante os anos de 1983 e 1985; em segundo, no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), criado em 1985 e ainda em funcionamento. A cartilha *Caminho Suave* foi reprovada nesse último Programa em 1997, quando deixou de ser comprada pelo governo federal para distribuição nas escolas (PERES; VAHL; THIES, 2016).

A inserção da referida cartilha em programas oficiais de livro didático também explica seu sucesso e, portanto, a ampla circulação que teve nas escolas do país. Assim, neste trabalho, enfatizamos os usos da cartilha *Caminho Suave* no cotidiano de classes de alfabetização em escolas gaúchas. Os dados foram coletados em cadernos de crianças em fase de alfabetização (dos anos de 1950, pós-publicação da cartilha, até os dias atuais), especialmente os de 1ª série/1º ano, pertencentes ao acervo do grupo de pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (Hisales)<sup>1</sup>.

Atualmente, há no acervo 651 cadernos de alunos da fase inicial de escolarização<sup>2</sup>, do período de 1930 até os dias atuais. De acordo com pesquisas

<sup>1</sup> O Hisales (História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares) é, ao mesmo tempo, um grupo de pesquisa cadastrado no CNPq desde junho de 2006 e um centro de memória. Coordenado pelas professoras Dra. Eliane Peres e Dra. Vania Grim Thies, é vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e reúne alunos de graduação e de pós-graduação. Além da investigação na área da alfabetização, leitura e escrita, o grupo de pesquisa Hisales tem como um de seus objetivos fundamentais constituir acervos para manutenção da história e da memória da alfabetização. Mais informações em: Peres & Ramil (2015a) e no site do Hisales, disponível em: <<http://wp.ufpel.edu.br/hisales>>.

<sup>2</sup> Os cadernos da fase inicial de escolarização incluem os registros de alunos de 1ª série/1º ano à 2ª série/2º ano ou até a 3ª série/3º ano, o que pode variar dependendo do ano civil a que correspondem, por estarem vinculados aos planejamentos das escolas em relação aos programas de governo, que determinam quais níveis escolares integram essa fase.

anteriores já realizadas pelo Hisales<sup>3</sup> e na primeira consulta geral feita para este trabalho, os resultados indicam que até o final dos anos de 1970 havia um predomínio do uso de produções locais nas escolas do Rio Grande do Sul, ou seja, de cartilhas, pré-livros e livros de leitura produzidos por autoras gaúchas e, na sua maioria, publicados também por editoras gaúchas<sup>4</sup>.

Sendo assim, foi possível identificar que é a partir do início dos anos de 1980 que a utilização da *Caminho Suave* aparece nos cadernos mantidos no acervo, fenômeno explicado e analisado neste trabalho. Além disso, os dados indicam para um uso plural e variado da cartilha, que vai desde a cópia das palavras, frases e textos das lições e historietas, apresentação e reprodução das imagens, até a adaptações feitas pelas professoras usando os nomes das personagens principais, das frases e dos textos em atividades tanto de Linguagem quanto de Matemática. Mostrar e analisar essa pluralidade dos usos é foco deste artigo, feito na perspectiva de uma história dos *fazeres ordinários de classe*, entendido como aqueles saberes que são, como afirma Chartier (2000), os *fazeres “invocados, mas ausentes”*. Trata-se daquilo que “se faz na escola, o que se faz hoje ou o que é sempre feito, enfim, a prática escolar. Ora os *fazeres ordinários* são variáveis ignoradas ou não controladas na maior parte das situações de pesquisa” (CHARTIER, 2000, p. 156).

A autora afirma, ainda, que “a pesquisa histórica é permanentemente confrontada aos materiais escolares dos quais a regra de uso não pode ser deduzida, nem induzida a partir das práticas escolares contemporâneas” (CHARTIER, 2000, p. 158). Assim, longe de dedução ou induções baseadas em práticas atuais, o presente artigo mostra resultados da busca, nos cadernos de alunos, por elementos para entender como as professoras, em seus *fazeres ordinários*, via de regra, silenciados ou esquecidos, fizeram uso desse suporte pedagógico que marca a história da educação brasileira, qual seja, a cartilha *Caminho Suave*.

## **Sobre o *corpus* e a metodologia de pesquisa**

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foram consultados dois dos principais acervos do grupo de pesquisa Hisales: cadernos de alunos e livros

<sup>3</sup> Há trabalhos publicados por integrantes do Hisales que apresentam o cruzamento de informações encontradas nos cadernos de alunos, nos cadernos de planejamento (Diários de Classe) das professoras, nos livros gaúchos para o ensino da leitura e da escrita (cartilhas e pré-livros) e livros didáticos produzidos no Rio Grande do Sul. Para isso, ver: Herrera & Ramil (2016); Peres & Ramil (2015c); Vieira; Peres; Ramil (2015); Peres (2012), entre outros.

<sup>4</sup> Trata-se, entre outros, dos seguintes títulos: *Estrada Iluminada – Bichano e Zumbi* (Editora do Brasil); *Sarita e seus amiguinhos* (Editora do Brasil); *Juca e Zazá* (Editora do Brasil); *Dedé, José, Tião* (Editora FTD); *Marcelo, Vera e Faisca* (Editora Tabajara); *As férias com vovô* (Editora Tabajara); *Cartilha do Guri* (Editora Tabajara); *Céu Azul* (Editora Tabajara).

para o ensino da leitura e da escrita. Com relação ao acervo de cadernos de alunos, há atualmente 1555 exemplares<sup>5</sup>, incluindo nesse montante os que são da fase de alfabetização (651 exemplares), os de outras séries (823 exemplares) e os não identificados, considerando a série/ano escolar (81 exemplares).

No caso desta investigação, na primeira etapa foram consultados os cadernos da fase de alfabetização – de 1º ao 3º ano/1ª à 3ª série, sob aspectos gerais. Com isso, identificou-se que a recorrência maior de uso da cartilha *Caminho Suave*, como era esperado, incide naqueles de 1º ano/1ª série. Por isto, optou-se por delimitar o foco da pesquisa nestes exemplares, efetivamente identificados quanto ao nível escolar. Sendo assim, no total foram analisados 392 cadernos de alunos de 1º ano/1ª série<sup>6</sup>, os quais foram consultados detalhadamente em uma segunda etapa da coleta de dados.

Quanto ao acervo de livros para o ensino da leitura e da escrita, foram consultadas as cartilhas *Caminho Suave*, que integram a Série Didática de mesmo nome. No acervo do Hisales há 09 exemplares<sup>7</sup> da cartilha de diferentes edições e datas de publicação, que se somam ao restante dos exemplares da Série Didática<sup>8</sup> e do Material Audiovisual/de Apoio<sup>9</sup> da *Caminho Suave*, que estão sob a guarda do referido grupo de pesquisa.<sup>10</sup>

<sup>5</sup> Dados de 21/09/2017.

<sup>6</sup> Há, também, na coleção, alguns cadernos que não estão registrados como sendo de 1º ano ou 1ª série, mas que permitem uma inferência sobre sua provável vinculação a esse nível escolar pelo conteúdo trabalhado. Porém, optou-se por analisar apenas aqueles plenamente identificados, para que se tenha uma amostra mais exata na associação entre a cartilha *Caminho Suave* e o seu uso na mesma série/ano para a/o qual ela foi produzida e é destinada, a partir dos registros localizados nos cadernos dos alunos desse ano/série. Vale informar também que, para a coleta de dados, os cadernos do mesmo ano/série das disciplinas de Religião, Artes, Música, Inglês, Espanhol foram excluídos da amostra e os demais foram mantidos, mesmo sendo nomeados com outras disciplinas, além de Linguagem.

<sup>7</sup> As nove cartilhas *Caminho Suave* encontradas no Hisales são: Cartilha *Caminho Suave* (3 exemplares de mesmo ano e edição: 1979, 81ª ed.); Cartilha *Caminho Suave* – Renovada e ampliada (6 exemplares: 1984 – 90ª ed.; 1985 – 91ª ed.; 198[?] – s.d.; 1988 – 99ª ed.; 1996 – 114ª ed.; 2011 – 131ª ed.). Dados de 21/09/2017.

<sup>8</sup> Além das cartilhas, no Hisales também são encontrados os seguintes itens da Série Didática *Caminho Suave*: 1º Livro de Leitura *Caminho Suave* (1 exemplar: 1982 – 22ª ed.); Comunicação e Expressão – 1ª Série/1º Grau *Caminho Suave* (2 exemplares: 1989 – 29ª ed.; 1994 – 34ª ed.); Comunicação e Expressão – 2ª Série/1º Grau *Caminho Suave* (4 exemplares: 1984 – 13ª ed. (1 item); 1993 – 26ª ed. (3 itens); Comunicação e Expressão – 4ª Série/1º Grau *Caminho Suave* (1 exemplar: 1996 – 22ª ed.); Manual do Professor para a cartilha *Caminho Suave* (2 exemplares: 1979 – 3ª ed.; s.d. – 7ª ed.); Manual do Professor para a cartilha *Caminho Suave* – Renovada e ampliada (3 exemplares: s.d. – 7ª ed. (2 itens); s.d. – 8ª ed.); Manual do Professor para o 1º Livro *Caminho Suave* (1 exemplar: 1979 – 2ª ed.); Caligrafia *Caminho Suave* (1 exemplar: 2015 – 1ª ed.). Dados de 21/09/2017.

<sup>9</sup> Quanto ao Material Audiovisual (nomenclatura da década de 1970) / Material de Apoio (nomenclatura da década de 1980), o Hisales contém: 1 conjunto de cartazes de “Alfabetização pela Imagem” (sem data); 1 caixa de carimbos didáticos de “A Família” – *Caminho Suave* (sem data); 2 kits de Testes de “Alfabetização pela Imagem”/Baralhinhas Didáticas da Cartilha, de épocas distintas (um mais antigo e outro da década de 2000); Diplomas – inseridos dentro das cartilhas (localizadas no início das cartilhas mais antigas ou no fim daquelas mais recentes) e eram destacados do livro após sua conclusão (datas variadas). Dados de 21/09/2017.

<sup>10</sup> As autoras já publicaram um trabalho com foco na análise das imagens da cartilha *Caminho Suave*, utilizando esse mesmo acervo (PERES & RAMIL, 2015).

A coleta de dados foi feita, portanto, nesses dois acervos no intuito de encontrar subsídios que contemplassem os objetivos deste trabalho e, posteriormente, os dados foram organizados, interpretados e desenvolveu-se a análise dos resultados. Esses procedimentos são descritos a seguir.

Inicialmente, procurou-se aprofundar o conhecimento da estrutura e do conteúdo da cartilha *Caminho Suave*, destacando-se itens relevantes, tais como os nomes dos personagens, frases “típicas” da cartilha, imagens peculiares, exercícios específicos, entre outros, bem como as diferenças nos textos e imagens de uma edição para outra, daquelas disponíveis no acervo referido.

É importante registrar que há modificações no conteúdo e nos aspectos gráfico-editoriais entre as distintas edições da cartilha *Caminho Suave*, tais como: mudanças de palavras e suas respectivas imagens, as quais são usadas para o ensino de letras ou união de duas letras (exemplo: de “zabumba” para “Zazá”, de “Nhá Maria” para “galinha”, de “balão” para “avião”), variações no conteúdo das historietas, alterações – acréscimos ou retiradas – de exercícios, acréscimos de letras do alfabeto (como K, W, Y), diferenças de características gráficas, tanto pelas ilustrações como pelas técnicas e quantidades de cores utilizadas, bem como nas fontes tipográficas e diagramação dos dados<sup>11</sup>.

Além disso, as edições mais antigas da *Cartilha Caminho Suave* têm dimensões menores e menos páginas, pois as mais recentes, além de terem dimensões maiores, apresentam cerca de 28 páginas com exercícios preparatórios no início do conteúdo e seis páginas a mais no final, que não constam nas primeiras edições. Por isso, foi relevante a observação e comparação atenta entre as diferentes versões e o que apresentam para que a pesquisa dos dados encontrados nos cadernos fosse mais detalhada.

Quanto aos principais personagens da cartilha *Caminho Suave*, cujos nomes utilizados nas historietas contribuem sobremaneira para a metodologia de coleta de dados e na análise, caso em que estão registrados nas páginas dos cadernos, estão os seguintes: a) em todas as edições – Fábio, Didi, Bebê, Totó, Chico, Carlito, Artur, Joaquim, Henrique; b) apenas nas edições mais antigas – Nhá Maria; c) apenas nas edições mais recentes – Mico, Papudo, Violeta, Cecília, Cipó, Zeca, João, Érika<sup>12</sup>.

<sup>11</sup> Para ver mais sobre isso, consultar Peres & Ramil (2015). Neste artigo foi realizada uma análise iconográfica da cartilha *Caminho Suave* e do material de apoio, nos quais as imagens são investigadas pelas características gráficas, identificando-se também as permanências, as modificações e a evolução dos aspectos gráfico-editoriais em diferentes edições.

<sup>12</sup> Cabe comentar que Mico, Papudo e Violeta são nomes adicionados aos animais macaco, pato e vaca, respectivamente, em historietas que já constavam anteriormente, nas primeiras versões, enquanto que Cecília, Cipó, Zeca, João e Érika são nomes que aparecem em historietas inseridas apenas nas versões mais recentes da cartilha.

A partir da conferência dos aspectos gerais e predominantes da cartilha, deu-se início à consulta aos cadernos de alunos em fase de alfabetização, durante a qual foi feita a revisão de todas as páginas desses suportes em busca de registros de dados que revelassem os usos da cartilha em sala de aula, ou seja, um a um todos os cadernos foram folheados e foram anotados, copiados e fotografados os dados pertinentes à investigação<sup>13</sup>. Por fim, os dados reunidos foram comparados e analisados e, assim, são aqui apresentados.

Os dados coletados revelam situações diferenciadas de uso da cartilha nos fazeres ordinários das professoras, quais sejam: 1) “reprodução fiel” de determinados trechos da cartilha ou páginas inteiras (em folhas fotocopiadas, mimeografadas ou manuscritas nos cadernos, ou seja, preparadas pela professoras e/ou copiadas pelos alunos); 2) adaptação de lições e/ou de conteúdos pela professora, modificando, introduzindo ou retirando elementos do conteúdo original da cartilha; 3) semelhanças no uso de palavras, sentenças, textos ou exercício que indicam para um possível uso da cartilha, o que denominou-se de “inferência de uso”. Nesse último caso, diferentemente dos dois primeiros – reprodução e adaptação – não há como se afirmar que *Caminho Suave* tenha sido de fato o suporte para a atividade planejada pela professora e copiada no caderno dos alunos, por isso a denominação “inferência”. Destaca-se que elas são muitas e possíveis de aproximação com a estrutura e conteúdo da cartilha. A seguir apresentam-se os dados segundo essa categorização e problematização.

## **A cartilha *Caminho Suave* nos cadernos de alunos de 1º ano / 1ª série**

Dos 392 cadernos de alunos de 1º ano/1ª série consultados<sup>14</sup>, foram encontrados registros plenamente identificáveis de utilização da cartilha *Caminho Suave* em 25 exemplares<sup>15</sup>. Destes, 05 são da década de 1980, 14 da década de 1990 e 06 da década de 2000. Pelo total da amostra, 16 cadernos são de alunos e 09 de alunas. Pela origem dos 25 cadernos, foram identificadas dez cidades gaúchas: Arroio Grande, Canguçu, Jaguarão, Morro Redondo, Pedro Osório, Pelotas, Piratini, Porto Alegre, Rio Grande e Três Passos. Além disso, os

<sup>13</sup> Essa etapa de pesquisa foi desenvolvida com a atuação das alunas do curso de Pedagogia e bolsistas de Iniciação Científica do Hisales: Indiara Gaia da Silva (Probic/Fapergs) e Tatiara Timm de Carvalho Herreira (CNPq/Pibic).

<sup>14</sup> Dos 392 cadernos consultados, 01 é da década de 1950, 10 são da década de 1960, 09 da década de 1970, 31 da década de 1980, 83 da década de 1990, 130 da década de 2000, 120 da década de 2010 e 08 não foram identificados segundo o ano civil.

<sup>15</sup> Além desses cadernos, foram identificadas possíveis adaptações de conteúdo da cartilha *Caminho Suave* em vários outros exemplares. No entanto, optou-se por não considerar numericamente esses casos nos dados aqui apresentados por não serem exatos, visto que são inferências, como denominamos.

25 cadernos provêm de 15 escolas gaúchas diferentes. Do total, 11 cadernos são de escolas municipais, 07 de escolas estaduais, 02 de escolas privadas e em 05 deles as escolas não estão identificadas.

Entre todos os cadernos consultados, há alguns deles que se destacam pelo grande número de registros de uso da cartilha *Caminho Suave*. São eles: a) em dois cadernos, de dois alunos diferentes, um de 1990 e outro de 1991, de uma mesma escola estadual da cidade de Arroio Grande; b) em um caderno de uma aluna, do ano de 1991, de uma escola municipal da cidade de Canguçu; c) em um caderno de 2005, de um aluno de uma escola municipal da cidade de Pelotas. Nesses quatro casos os cadernos indicam para um uso intenso e contínuo da cartilha. Embora quantitativamente sejam poucos os cadernos com recorrências continuadas ao longo do ano letivo, chama a atenção o período em que tal fenômeno foi detectado: entre o ano de 1990 e 2005. Quinze anos separam um registro do outro, indicando, de alguma forma, para o uso da cartilha em escolas públicas mesmo depois que ela foi retirada do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Isso ocorreu nos anos de 1996 e 1997. Segundo Peres, Vahl e Thies (2016, p. 362),

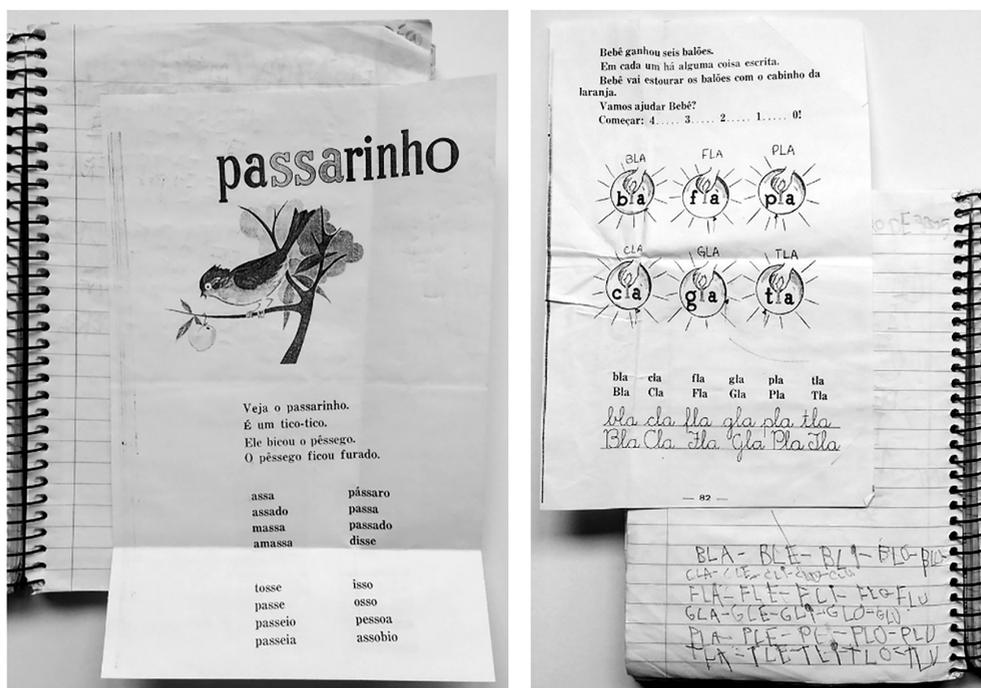
[...] Uma das reprovações mais polêmicas do Programa foi a da coleção *Caminho Suave* (1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> série). Em junho de 1996, quando foi liberada a lista dos títulos aprovados, Branca Alves de Lima afirmou à *Folha de São Paulo* o seguinte: “já estávamos nos preparando para reformular esses livros, mas puseram tanta coisa (na avaliação sobre o *Caminho Suave*) que ainda não sabemos o que vamos fazer” (FALCÃO, 1996, p. 07). Em 1996, a avaliação que gerou o primeiro guia de livros didáticos do PNLD não incluía cartilhas e livros de alfabetização. Naquele ano, foram recusados os livros de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> séries – Português, da coleção *Caminho Suave*. Já a avaliação de 1997, que gerou o segundo guia do PNLD, incluiu cartilhas e livros de alfabetização, o que resultou, também, na reprovação da cartilha *Caminho Suave*. Referindo-se a isso, a *Folha de São Paulo* publicou o seguinte: “a baixa mais notável é a cartilha ‘*Caminho Suave*’, ausente da lista de títulos aprovados pelo Guia de Livros Didáticos do PNLD” (ROSSETTI, 1997, p. 09). Como consequência da exclusão do Programa, a Editora homônima encerrou suas atividades, repassando os direitos de publicação da cartilha para a Editora Edipro, ainda em 1996.

Assim, reafirma-se o uso da cartilha em escolas públicas mesmo depois que ela foi excluída do PNLD. Isso demonstra sua longevidade e permanência nos fazeres ordinários de classe das professoras. Tal dado é bastante importante, uma vez que permite indagar como e por que as alfabetizadoras fazem as escolhas e o que consideram importante e necessário na prática alfabetizadora, à revelia daquilo que avaliam os especialistas e ao que é indicado nas políticas

públicas de alfabetização. Quando elas consideram que uma atividade ou um exercício é eficiente e eficaz para/na aprendizagem das crianças, utilizam, seja reproduzindo tal qual é apresentado na cartilha, seja recriando, inventando, alterando, cortando ou introduzindo elementos que julgam importantes, como se verá adiante nos exemplos apresentados.

Na sequência da análise e conforme referido anteriormente, os dados coletados nos cadernos de alunos permitiram organizá-los em três diferentes categorias: 1) reprodução, considerado aquelas recorrências em que há cópia “fiel” das lições da cartilhas ou até recorte de páginas ou partes das páginas ou fotocópias ou folhas das mesmas; 2) adaptação, assim classificadas observando que a professora tomou como referência as lições e/ou exercícios da *Caminho Suave* e recriou, dando origem a um texto modificado, a um outro texto ou até a um exercício; 3) inferência de uso da cartilha, recorrências nas quais aparecem frases, desenhos ou palavras que também são da cartilha *Caminho Suave*, mas aparecem nos cadernos de forma “avulsa”, os quais exemplificamos, mas não computamos nos dados finais.

Assim, neste trabalho, serão mostrados exemplos das duas primeiras categorias acima referidas. A primeira delas faz referência às reproduções, que são aqueles casos em que algum trecho da cartilha foi plenamente usado, seja pela reprodução fotocopiada ou mimeografada, seja pela cópia manuscrita feita pelos alunos. Esse tipo de registro pôde ser encontrado em casos como: cópia de historietas, reprodução de imagens, repetição de exercícios, etc. A Fig. 01 ilustra exemplos de reprodução fotocopiada de páginas da cartilha (no caso, idênticas às das p. 46 e 82 do exemplar de 1979, 81<sup>a</sup> ed.).

**Figura 01** – Páginas de caderno de 1ª série de aluno (C.02 – 2005).

Fonte: Acervo do Hisales.

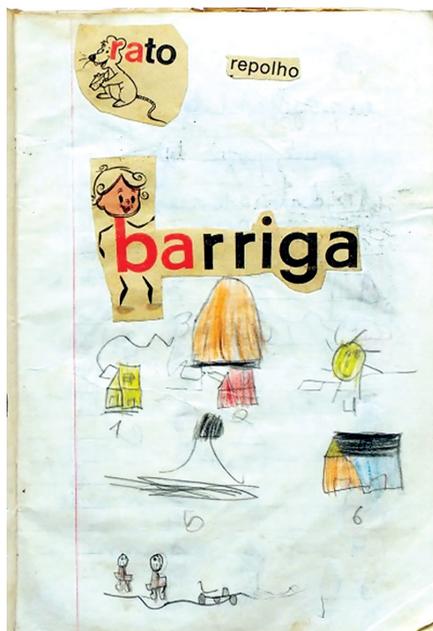
Cabe destacar a interferência manuscrita feita pela professora na folha da imagem à direita, na qual ela acrescenta as sílabas “BLA”, “FLA”, “PLA”, “CLA”, “GLA”, “TLA” em letras maiúsculas, acima dos desenhos nos quais as mesmas estão inseridas em letras minúsculas. Já na página da imagem à esquerda, não houve nenhuma alteração por parte da mesma professora.

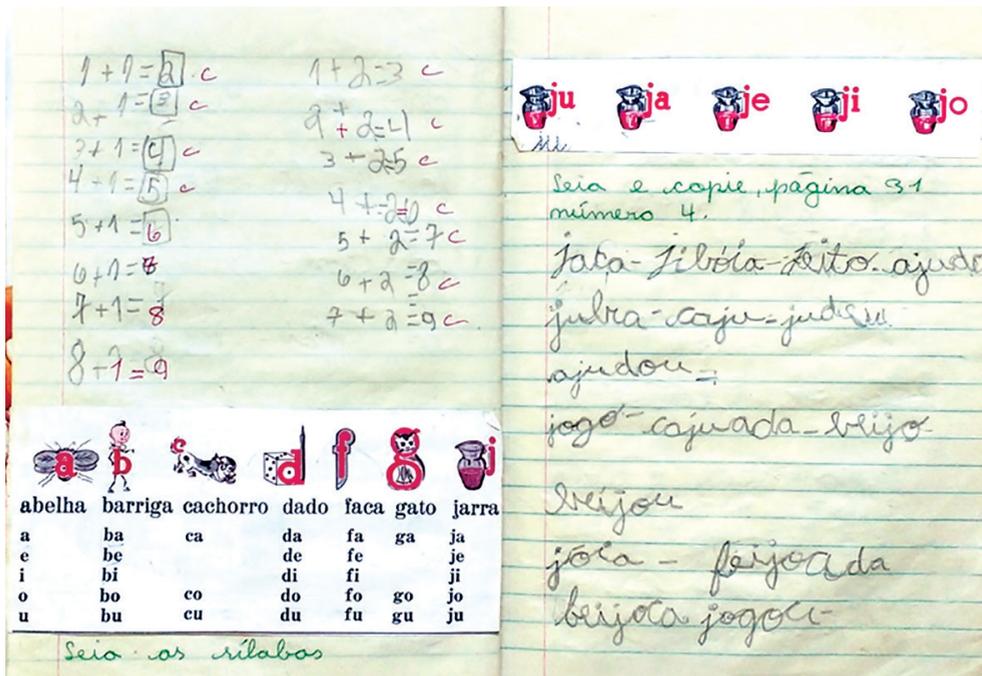
Nesse caso, anteriormente exemplificado, a consulta à totalidade dos dois cadernos do mesmo aluno, usados em uma escola pública, no ano de 2005, revela que a professora alfabetizou usando textos, frases, palavras e sem a lógica do denominado método silábico. Além disso, as crianças usavam a *letra-bastão*, qual seja, a maiúscula impressa, comumente associada ao chamado movimento construtivista, sob influência das teorias psicogenéticas de Emília Ferreiro. Contudo, ao se aproximar o final do ano, quando a professora opta por apresentar (ou reforçar) as chamadas “dificuldades”, ou seja, encontros consonantais, dígrafos, variações fonêmicas, ela lança mão das lições da cartilha *Caminho Suave*. Em cada um dos dois cadernos há reprodução fotocopiada de 05 lições da referida cartilha, coladas nas páginas, indicando para um uso da mesma que independe da perspectiva teórico-metodológica adotada pela professora no processo de alfabetização. Sendo assim, a introdução das sílabas em letra maiúscula feita à caneta pela professora na página da cartilha, para ser fotocopiada, explica-se pela ausência da mesma no original e pela opção

teórico-metodológica que havia feito durante o ano letivo, qual seja, de alfabetizar os alunos usando a chamada *letra-bastão*.

Outro caso que mostra um uso da *Caminho Suave* em sala de aula, e que foi denominado como reprodução na organização dos dados de pesquisa, é o recorte da própria cartilha, com se pode ver a seguir, na Fig. 02, que ilustra exemplos encontrados em cadernos de alunos diferentes. Na página do caderno à esquerda, percebe-se que o aluno recortou e colou três trechos avulsos de páginas variadas da cartilha (coincidente com o exemplar de 1988, 99ª ed.), contendo as palavras “rato” (p. 32), “barriga” (p. 34) e “repolho” (p. 87). Diferentemente, nas duas páginas do caderno à direita, a aluna recortou e colou em sequência dois fragmentos inteiros de atividades encontradas em duas páginas distintas da cartilha (coincidente com o exemplar de 1979, 81ª ed.), tendo sido utilizadas a parte superior da p. 40 (prática com palavras e sílabas iniciais com as letras de “a” a “j” – “abelha”, “barriga”, “cachorro”, “dado”, “faca”, “gato” e “jarra”) e também da p. 15 (exercício com as sílabas “ju”, “ja”, “je”, “ji” e “jo”, decorrentes da lição da “jarra”). Observa-se, também, que há a indicação feita à caneta pela professora da atividade a ser feita, de leitura e cópia (*Leia as sílabas; Leia e copie, página 31 número 4*), indicando que possivelmente o recorte tenha sido orientado pela mesma. Essa tarefa provavelmente tenha sido aproveitada de outra cartilha, pois não coincide com o conteúdo disponível nos exemplares da cartilha, apesar de incluir algumas das palavras utilizadas na lição da “jarra”.

**Figura 02** – Páginas de caderno de 1ª série de aluno (C.07 – 1990 à esquerda) e de aluna (C.02 – 1991 à direita).





Fonte: Acervo do Hisales.

O fenômeno do recorte da cartilha é identificado também nos próprios livros disponíveis no acervo do Hisales revelando que talvez seja mais comum do que os próprios cadernos do acervo deixam entrever. Como se pode ver pela imagem a seguir (Fig. 03), há exemplares que estão com páginas inteiras ou parte delas recortadas, alguns inclusive em várias de suas páginas. Tais interferências podem ter sido feitos tanto pelos alunos como pelas professoras, em suas atividades de aula ou em tarefas para casa.

Figura 03 – Páginas 60, 61 e recortes da Cartilha Caminho Suave (1979, 81ª ed.).



Fonte: Acervo do Hisales.

Encontraram-se também indícios de utilização de trechos da cartilha registrados nas suas próprias páginas, através das marcas de uso de lápis no contorno da imagem, com a técnica do “passar por cima” e provavelmente utilizando-se alguma matriz de carbono ou algo semelhante. Isso pôde ser conferido na página de uma das cartilhas (1979, 81ª ed., p. 38), que contém a lição da “gema” (ge, gi), na qual há marcas de lápis nos contornos do ovo, onde se nota também o relevo deixado no papel, pelo atrito. Com isso, é possível perceber que o modelo da imagem do ovo foi aproveitado por uma professora para uma atividade que foi reproduzida para os alunos (cópia e reprodução da imagem).

Outro modo de uso da *Caminho Suave* identificada na pesquisa foi a reprodução manuscrita de lições ou parte delas. No Quadro 01 são mostrados alguns exemplos de cópia “fiel” do texto principal de algumas lições da cartilha, escritos a lápis em páginas diversas de um caderno de um mesmo aluno. Nos excertos aparecem as atividades trabalhadas para fixar os dois “ss” (lição do “passarinho”), o “s” com som de [z] (lição da “casa”) e o “ç” com som de [s] (lição da “moça”), na sequência, conforme também estão na cartilha. Há ainda algumas atividades reproduzidas, adaptadas ou criadas, junto a cada uma dessas lições.

**Quadro 01** – Exemplos de reprodução manuscrita de lições da cartilha *Caminho Suave* em um caderno de aluno.

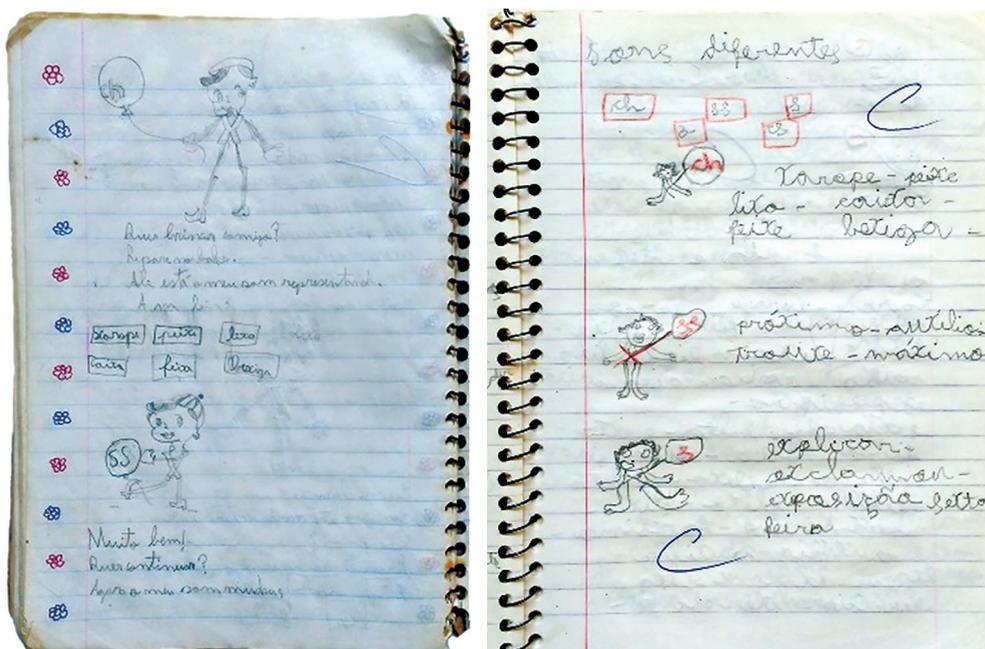
<p><i>Passarinho</i> Veja o passarinho. Ele bicou o pêssego. O pêssego ficou furado.</p> <p>Obs.: o aluno escreveu a palavra da lição em cima e também reproduziu os quadros com as palavras, que aparecem na sequência da página.</p> <p><b>Fonte:</b> Página 01 de caderno de 1ª série de aluno (C.01 - 1991) - lição do “passarinho” (“ss”) da cartilha (1988, 99ª ed., p. 76).</p>	<p><i>A casa é nova.</i> <i>É toda amarela.</i> – Você já sabia? <i>Bebê mora nela.</i></p> <p>Obs.: o aluno também reproduziu os quadros com as palavras, que aparecem na sequência da página.</p> <p><b>Fonte:</b> Página 02 de caderno de 1ª série de aluno (C.01 - 1991) - lição da “casa” (“s” - [z]) da cartilha (1988, 99ª ed., p. 78).</p>	<p><i>A moça amarrou</i> <i>uma fita na cabeça.</i> <i>O laço ficou bonito.</i></p> <p>Obs.: o aluno também reproduziu os quadros com as palavras, que aparecem na sequência da página.</p> <p><b>Fonte:</b> Página 03 de caderno de 1ª série de aluno (C.01 - 1991) - lição da “moça” (“ç” - [s]) da cartilha (1988, 99ª ed., p. 80).</p>
--	--	--

**Fonte:** Acervo do Hisales.

Entre outros modelos de reprodução manuscrita encontrados nos cadernos, estão aqueles casos em que as ilustrações também aparecem junto ao texto relacionado. No exemplo escolhido, ilustrado na Fig. 04, a lição do “x” que apresenta

os valores sonoros do grafema foi reproduzida pelos alunos, tanto com os desenhos dos bonecos que seguram balões com o valor sonoro da letra, quanto pelos enunciados e palavras usadas como exemplo.

**Figura 04** – Páginas de caderno de 1ª série de aluno (C.01 – 1985) à esquerda, de aluna (C.02 – 1991) ao centro e página 87 da *Cartilha Caminho Suave* (1979, 81ª ed.) à direita.



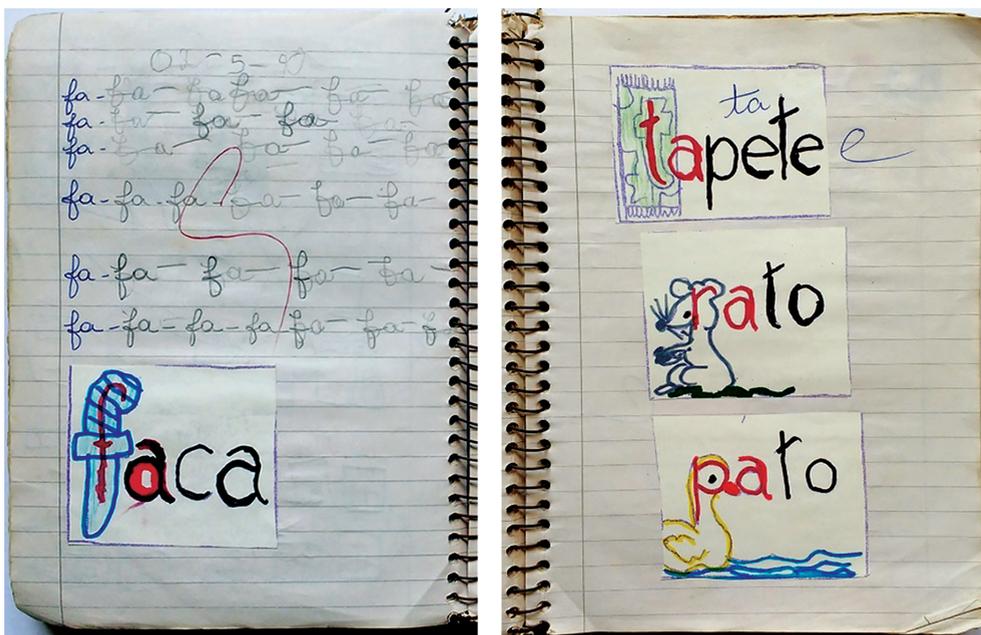
Fonte: Acervo do Hisales.

Além disso, é preciso considerar que tal lição, com diferentes sons do “x”, é assim apresentada nas primeiras edições da cartilha (coincidente com o exemplar de 1979, 81ª ed.), alterando-se nas versões mais recentes, no que se refere à disposição do conteúdo.

Outro dado que se destaca é o fato de os alunos possuírem o seu exemplar da cartilha. Em um dos exemplos encontrados há a reprodução manuscrita do texto da lição da “ambulância” (am, em, im, om, um) e, na sequência, a referência feita a caneta, provavelmente pela professora, de que a atividade deveria ser concluída em casa, identificada no excerto como *Terminar em casa*, pg. 96. Trata-se da indicação da mesma página da cartilha (coincidente com o exemplar de 1988, 99ª ed.), a qual apresenta abaixo do texto da ambulância uma relação de três quadros com cinco palavras em cada um deles. No exemplo referido, o aluno copiou as mesmas três primeiras palavras da lição e não terminou de copiá-las em aula e a professora fez a indicação, a caneta, de que finalizasse a cópia da lição em casa. Trata-se de uma clara indicação de que os alunos tinham seu próprio exemplar da cartilha, à disposição também para uso fora da sala de aula.

A segunda categoria estabelecida, anteriormente exposta, faz referência aos casos de adaptação, outro modo de uso identificado no estudo, que se manifesta, por vezes, pela introdução de pequenas alterações, ao que tudo indica, pela professora, outras vezes pela recriação da lição ou do exercício. Assim, identificou-se que as professoras aproveitaram parte do conteúdo ou nomes dos personagens ou imagens da cartilha, criando novas atividades a partir de tais elementos. Esses casos são observados nos cadernos dos alunos em situações de recriação de exercícios variados, tanto de Linguagem como de Matemática, utilização dos personagens para elaboração de frases, de desenhos, introdução ou retirada de sílabas, palavras ou frases das lições, etc.

Nos exemplos a seguir, encontra-se, em um mesmo caderno, uma situação em que a professora fez criações próprias e adaptadas das imagens consideradas “clássicas” da cartilha. Na Fig. 05, as páginas ilustram a imagem mimeografada colada no caderno e colorida pelo aluno. No caso da imagem à esquerda, com a lição da “faca” (f), ela aparece antecedida e seguida de exercícios relativos à lição. Já na imagem à direita, o aluno cola em sequência três imagens de palavras diferentes – “tapete” (t), “rato” (r) e “pato” (p), também mimeografadas e coloridas, que não são intercaladas por exercícios específicos. No quadro do “tapete” há ainda uma interferência, provavelmente da professora, com escrita manual a caneta, na primeira imagem, com o “ta” em letra cursiva, acima da palavra e também aparece um sinal de “certo” ao lado, o que indica o acompanhamento da organização das imagens na página, realizada pelo aluno. O mesmo caderno contém, em várias páginas, adaptações de outras imagens da cartilha, com o mesmo estilo das aqui apresentadas, algumas também acompanhadas de atividades relacionadas à lição correspondente.

**Figura 05** – Páginas de caderno de 1ª série de aluno (C.01 – 1990).

Fonte: Acervo do Hisales.

Embora a professora mantenha a palavra-chave e uma aproximação à proposta das imagens da cartilha, nesse caso não se trata de uma “cópia” dessas imagens, mas de uma adaptação feita em folhas mimeografadas, procurando manter a relação entre imagem e palavra-chave.

É pertinente relembrar a importância que as imagens tinham na proposta de alfabetização de Branca Alves de Lima. Além de ser uma cartilha considerada “simples, sequencial e repetitiva” (MACIEL, 2002, p. 164), a alfabetização pela imagem, tal como a autora designava o método/cartilha, associava

[...] o desenho à letra inicial da palavra-chave de cada letra, seguida de frases simples, palavras curtas e a família silábica em letra imprensa e cursiva. Na sequência, apareceram os exercícios com as sílabas (formação de palavras, cópias e exercícios afins) (PERES; VAHL; THIES, 2016, p. 364).

Assim como há os desenhos adaptados feitos pela professora das ilustrações da cartilha, também se encontram aqueles que são criados pelos próprios alunos diretamente no caderno, como no caso a seguir (Fig. 06), no qual a criança desenhava um personagem da cartilha *Caminho Suave*. No trecho destacado, a aluna desenvolve atividades a partir da lição da “Zazá” (z), que não consta em todas as versões da cartilha (por ter sido modificada a palavra “zabumba” – nas primeiras versões, para “Zazá” – nas versões mais recentes), mas que pode ser

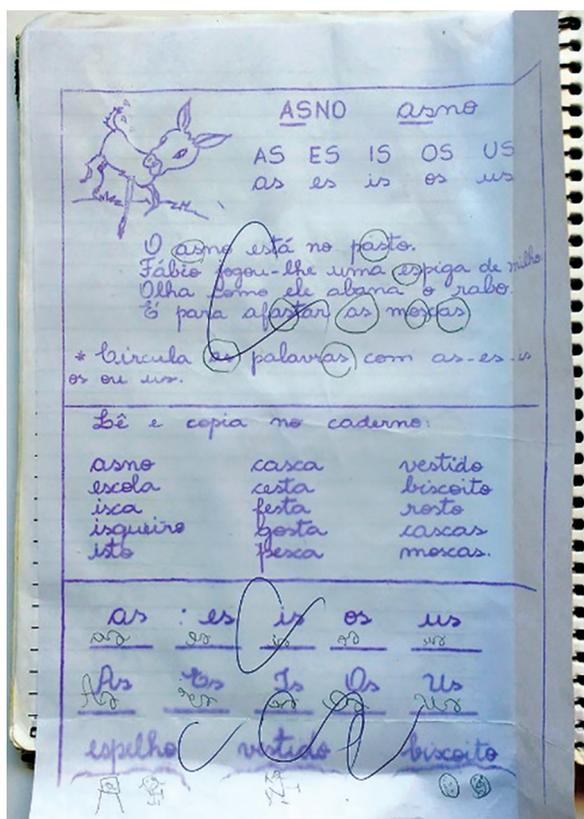
conferida em exemplares do acervo (no caso, coincidente com a versão de 1988, 99ª ed., p. 64-65).

**Figura 06** – Trecho de página de caderno de 1ª série de aluna (C.08 – 1991, à direita).



Fonte: Acervo do Hisales.

Outro exemplo que se destaca é a lição aproveitada e adaptada em folha mimeografada, como no caso exposto na Fig. 07. Mesmo sendo de um caderno de 2ª série, optou-se por inserir esse único exemplo neste trabalho, por mostrar a reprodução do conteúdo da página da cartilha através da técnica do mimeógrafo, adicionada de alguns elementos extras e escrita com letra cursiva pela professora, enquanto na *Caminho Suave* o texto está escrito com letra de imprensa.

**Figura 07** – Página de caderno de aluno de 2ª série (C.54 – 2011).

Fonte: Acervo do Hisales.

Nesse caso, da lição do “asno” (as, es, is os, us), verificou-se semelhança com aquela encontrada na cartilha mais antiga do acervo (1979, 81ª ed., p. 60), inclusive pelas características do desenho do animal e pelos dados dispostos na página, que se apresentam alterados nas versões posteriores da publicação. Além disso, a professora introduziu a palavra “asno” tanto em letras maiúsculas, como minúsculas, assim como inseriu um exercício para circular as palavras com as sílabas aprendidas nessa lição e deixou espaço para a criança preencher as sílabas, visto que na cartilha elas já estão preenchidas. Na parte final, há ainda um exercício extra, no qual o aluno deveria desenhar o objeto correspondente às três palavras, o que na versão comparada da cartilha não consta.

Outrossim, foram encontrados vários registros nos cadernos em que há adaptação dos textos e atividades da cartilha, dos quais alguns exemplos podem ser conferidos no Quadro 02, a seguir, que tratam de conteúdos de Linguagem.

**Quadro 02** – Exemplos de adaptação de lições da cartilha *Caminho Suave* em atividades de Linguagem.

<b>Texto original de lição da cartilha <i>Caminho Suave</i></b>	<b>Texto adaptado de lição da cartilha <i>Caminho Suave</i></b>
<p>Didi come cebola. E o bebê? Come doce-de-leite.</p> <p><b>Fonte:</b> cartilha <i>Caminho Suave</i> – lição da “cebola” (o texto é o mesmo em todas as edições consultadas).</p>	<p><i>Leitura</i> <i>Didi come cebola e o bebê come doce.</i> <i>A cebola é macia e o doce é gostoso.</i> <i>Mamãe colocou cebola na bacia.</i> <i>A bacia é da avó de Lúcia.</i></p> <p>Obs.: As palavras “macio”, “doce”, “bacia” não estão no texto original da lição, mas estão nos quadros de palavras, abaixo dele (essas variam de acordo com as edições da cartilha).</p> <p><b>Fonte:</b> Página de caderno de 1ª série de aluno (C.04 – 1986)</p>
<p>Didi viu o sapo no sítio. O sapo pulou... pulou... Sumiu na água do lago.</p> <p><b>Fonte:</b> cartilha <i>Caminho Suave</i> – lição do “sapo” (o texto é o mesmo em todas as edições consultadas).</p>	<p><i>O sapo pulou na sala</i> <i>Bebê falou: ui ui ui!</i> <i>Didi subiu no sofá</i> <i>Fábio jogou água no sapo</i> <i>O sapo sumiu pela janela</i></p> <p><b>Fonte:</b> Página de caderno de 1ª série de aluno (C.01 – 1990)</p>
<p>O dado é de Didi. – Dá... dá... – Didi, dê o dado ao bebê.</p> <p><b>Fonte:</b> cartilha <i>Caminho Suave</i> – lição do “dado” (o texto é o mesmo em todas as edições consultadas).</p>	<p><i>O dado é de Didi.</i> <i>Didi dá o dado ao bebê.</i></p> <p><b>Fonte:</b> Página de caderno de 1ª série de aluno (C.02 – 1990)</p>
<p>O asno está no pasto. Fábio jogou-lhe uma espiga de milho. Olha como ele abana o rabo! É para afastar as moscas.</p> <p><b>Fonte:</b> cartilha <i>Caminho Suave</i> – lição do “asno” (o texto é o mesmo em todas as edições consultadas).</p>	<p><i>O asno</i> <i>1. Este é o asno do sítio.</i> <i>2. O asno está carregado.</i> <i>3. Ele leva dois sacos de espiga de milho.</i> <i>4. Seu Chico leva o asno até a cidade.</i> <i>5. Lá ele descarrega o asno.</i> <i>6. Na hora que o asno chega no sítio,</i> <i>7. ele vai para o pasto.</i></p> <p><b>Fonte:</b> Página de caderno de 1ª série de aluno (C.01 – 1991)</p>
<p>Zazá mexe a comida na panela. A comida de Zazá é muito boa.</p> <p><b>Fonte:</b> cartilha <i>Caminho Suave</i> – lição da “Zazá” (o texto é o mesmo em todas as edições consultadas).</p>	<p><i>Zazá cuida do Bebê.</i> <i>Zazá faz comida boa.</i> <i>Zazá lava roupa.</i></p> <p><b>Fonte:</b> Página de caderno de 1ª série de aluno (C.08 – 1991)</p>

**Fonte:** Acervo do Hisales.

É interessante registrar que o quarto exemplo, mostrado no quadro acima, está em um caderno de aluno que contém muitas reproduções manuscritas e praticamente quase todas “fiéis” às lições da cartilha (já citado anteriormente). Porém, no caso dessa em específico, sobre o “asno”, houve uma exceção, visto que a professora optou por fazer uma adaptação da narrativa, alterando dados e acrescentando conteúdo, além de utilizar números para indicar o início de cada linha do texto para o aluno realizar a cópia.

As atividades de Matemática também indicam para um procedimento didático daquilo que denominamos de adaptação a partir dos referenciais da *Caminho Suave*. Nos casos a seguir, retirados de um mesmo caderno de aluno, encontram-se exercícios para prática de cálculos matemáticos em que foram usados os nomes dos personagens encontrados na cartilha, junto a temáticas exploradas nas lições. O Quadro 03 mostra alguns dos exemplos encontrados.

**Quadro 03** – Exemplos de adaptação de lições da cartilha *Caminho Suave* em atividades matemáticas.

<b>Atividades de Matemática adaptadas de lições da cartilha Caminho Suave</b>		
<p><b>Totó</b> tinha 8 ossos. Achoi mais 6. Com quantos ossos ele ficou? <u>14</u></p> <p>Obs.: o aluno anotou ao lado do exercício a estrutura do cálculo de adição do número 8 com o 6, e o resultado “14”, abaixo.</p> <p><b>Fábio</b> ganhou 24 figurinhas e perdeu 10. Quantas figurinhas ele tem agora? <u>14</u></p> <p>Obs.: o aluno anotou ao lado do exercício a estrutura do cálculo de subtração do número 24 com o 10, e o resultado “14”, abaixo.</p> <p><b>Fonte:</b> Página 01 de caderno de 1ª série de aluno (C.13 – 2008)</p>	<p>Na caixa havia 12 <b>alfinetes</b>. Vovó colocou mais 10. Agora há <u>22</u> <b>alfinetes</b>.</p> <p>Obs.: o aluno anotou ao lado do exercício a estrutura do cálculo de adição do número 10 com o 12, e o resultado “22”, abaixo.</p> <p><b>Vovó</b> deu para o bebê 6 balas. <b>Bebê</b> perdeu 2. Agora ficou só com <u>4</u> balas.</p> <p>Obs.: o aluno anotou ao lado do exercício a estrutura do cálculo de subtração do número 6 com o 2, e o resultado “4”, abaixo.</p> <p><b>Fonte:</b> Página 02 de caderno de 1ª série de aluno (C.13 – 2008)</p>	<p>O <b>asno</b> carrega uma dúzia de espigas de milho. [Desenho]</p> <p>Obs.: o aluno desenhou ao lado da palavra “desenho” um conjunto com 12 milhos e anotou o número 12 ao lado.</p> <p><b>Seu Chico</b> levou para a vovó meia dúzia de repolhos. [Desenho]</p> <p>Obs.: o aluno desenhou ao lado da palavra “desenho” um conjunto com 6 repolhos e anotou o número 6 ao lado.</p> <p><b>Fonte:</b> Página 03 de caderno de 1ª série de aluno (C.01 – 1991)</p>

**Fonte:** Acervo do Hisales.

Observando o conteúdo das páginas acima referidas (que não estão dispostas em sequência nos cadernos), verifica-se que no primeiro exemplo, à esquerda, aparecem exercícios com os personagens “Fábio” e “Totó”. No segundo caso, no quadro do meio, em continuidade à lição do “alfinete” (al, el, il, ol, ul), a professora criou exercícios sobre o tema, incluindo um de Matemática utilizando a palavra-chave estudada; na mesma página do caderno há outro exercício, utilizando as palavras “vovô” e “bebê”, que também aparecem na cartilha e que havia sido apresentada aos alunos na parte de Linguagem, conforme confirmado nesse mesmo caderno. No terceiro exemplo, há dois exercícios de conjuntos matemáticos, sendo que um deles remete à lição do “asno”, no qual o personagem da cartilha é esse mesmo animal e o seguinte à lição do “chapéu”, pois nessa o personagem principal é Seu Chico, o mesmo nome utilizado na referida atividade.

Os exemplos de uso da cartilha em sala de aula também revelam não apenas a apropriação do conteúdo pelas professoras, mas da forma gráfico-editorial. São muitos os casos em que há reprodução de um “fazer gráfico” que é transposto para os cadernos. Entre eles, destaca-se o uso de listas de palavras, linhas de sílabas, de quadros de sílabas e/ou de palavras, conforme o projeto da cartilha em questão. Identificou-se, assim, o uso de recursos gráficos no caderno para apresentar, organizar, distribuir, hierarquizar e distinguir imagens, sílabas, palavras e frases.

Interessante observar que há, aqui, três diferentes suportes de escrita e os mesmos formatos. Em relação ao suporte, trata-se da cartilha, do quadro negro e do caderno. Dois deles, a cartilha e o caderno, são suportes tridimensionais, diferentemente do quadro negro ou verde, que é bidimensional. Em relação a essa tridimensionalidade, Hébrard (2001, p. 137) considera que “o caderno é um empilhamento de folhas. Ele não é, portanto, bidimensional como o quadro negro, a ardósia ou a folha isolada. Ele tem, graças à sua espessura, uma terceira dimensão, perfeitamente posta em evidência pelo gesto de folhear”.

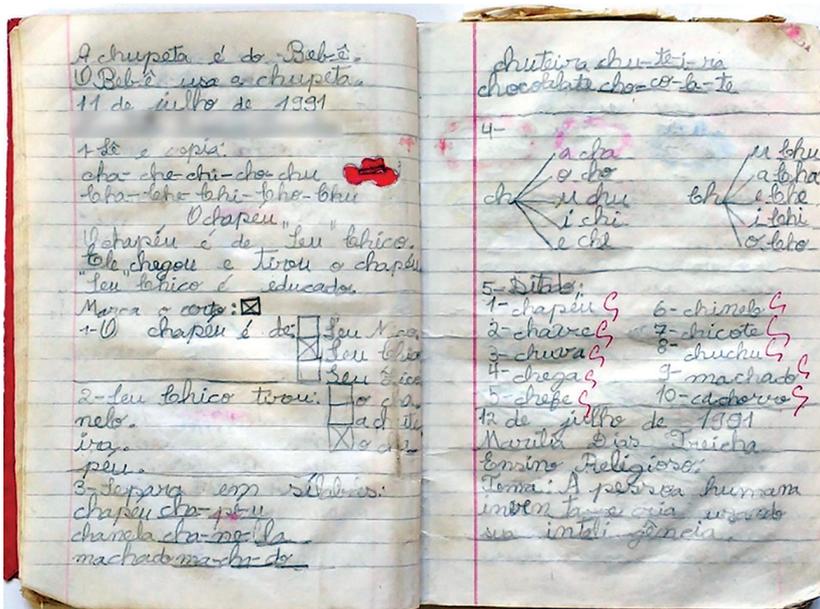
No que se refere à forma, os recursos das listas e dos quadros de palavras predominam nessa transposição de um suporte tridimensional (a cartilha), para um bidimensional (o quadro negro ou verde), para novamente um tridimensional (o caderno do aluno). Trata-se de uma operação aparentemente simples, mas que para o caso de um aprendiz iniciante, como a criança na fase inicial da escolarização, requer compreensão, pensamento e ação, tanto cognitiva quanto motora (aprender a usar corretamente, no caderno, o espaço, executando de forma diferenciada as linhas, os traçados, os quadros, as flechas etc.).

Um outro aspecto que pode ser acrescido a isso é, ainda, o de que o primeiro suporte, de origem, que dá o padrão para esse fazer gráfico, a cartilha, não tem linhas, assim como o quadro em que a professora copia (ou recria) essas formas (linhas, quadros, lacunas, flechas), para então ser copiada pelo aluno, em um

suporte que apresenta, entre outras diferenças, as linhas e as margens, além da variável do tamanho, da dimensão, da aproximação etc. Conclui-se que se trata, de fato, de uma aprendizagem difícil, complexa e de múltiplas variáveis.

Alguns exemplos da aprendizagem desse fazer gráfico e dessa transposição cartilha-quadro-caderno são mostrados a seguir. No primeiro caso, o caderno apresenta a lição do “chapéu”, como pode ser visto na Fig. 08.

**Figura 08** – Página de caderno de 1ª série de aluna (C.09 – 1991).



Fonte: Acervo do Hisales.

Observando as duas páginas do caderno acima, identifica-se o aproveitamento efetivo que a professora fez da lição do “chapéu” da cartilha (coincidente com o exemplar de 1988, 99ª ed., p. 82-83), tanto reproduzindo o conteúdo como fazendo adaptações. Inicia pelo *Lê e copia* (as sílabas em maiúscula e minúscula, em linhas), que, no caso do caderno, é a primeira atividade (na cartilha é subsequente ao texto e se intitula *Leia, cubra e copie*), seguida do texto, que ganha um título na atividade feita em sala de aula, *O chapéu* (colocado no centro da linha, diferente da disposição das frases completas, que obedecem à margem vermelha do caderno e ao fim da linha), que no caso da cartilha é a palavra-chave (sem o artigo “O” no início).

A seguir, realizou os exercícios de *Marque o certo* (interpretação do texto – sendo que no caderno está escrito *Marca o certo*), usando uma disposição gráfica que reproduz aquela da cartilha. Possivelmente a cópia da professora, da atividade da cartilha para o quadro, tenha sido idêntica; já a cópia realizada pelo aluno, no caderno, apresenta algumas diferenças que são interessantes de

serem consideradas e que indicam a complexidade da aprendizagem do fazer gráfico e a relação referida da transposição cartilha-quadro-caderno: observa-se que as alternativas da primeira questão (1 – O chapéu é de: Seu Nico; Seu Chico; Seu Zico) ocupam toda a linha, até o final, ficando comprimidas, em um esforço de “fazer caber na linha”. Nessa mesma atividade, na segunda questão (2 – Seu Chico tirou: o chinelo; a chuteira; o chapéu), a criança precisou separar as três palavras (chi-nelo; chute-ira; cha-péu), uma vez que as mesmas “não couberam na linha”. Portanto, foi uma alternativa que não aquela da cartilha e certamente não a reproduzida no quadro negro e que “subverteu”, de alguma forma, o padrão gráfico estabelecido pela cartilha e reproduzido pela professora. Sabe-se que isso, muitas vezes, é razão de descontentamento por parte das professoras que, ao estabelecer uma padronização, tanto da cópia de textos quanto de exercícios, supõe que ela seja seguida por todos os alunos e alunas. Conclui-se, assim, que conteúdo e forma somam-se como aprendizagens importantes no processo de alfabetização.

Finalmente, ainda em relação aos aspectos gráficos da atividade em pauta (*Marque o certo*), chama-se a atenção para o fato de que essa atividade envolve, além da cópia das frases em uma mesma linha, a posição dos “quadrinhos” que deve, sem alteração, suceder a frase a ser completada e anteceder a resposta. O correto, na aprendizagem do fazer gráfico que envolve esse exercício, é que a frase e a primeira alternativa sejam copiadas em uma mesma linha e que as alternativas subsequentes estejam uma abaixo da outra e, igualmente, o espaço para marcar a resposta certa (os quadrinhos, que também estão na ordem do exercício, indicando inclusive o formato da marcação, o “x”, dentro de sua área).

Na sequência da lição, há o registro da atividade de *Separe as sílabas*, conforme consta na cartilha, mantendo os dados e a sua disposição (com a reprodução dos tracinhos para a escrita das sílabas). E, para reforçar o estudo do “ch”, a professora criou outros dois exercícios, sendo um com a junção do “ch” com vogais, em maiúsculas e minúsculas que exigiu da criança o uso de flechas (saindo de uma mesma linha para outras cinco); o outro foi o *Ditado*, com 10 palavras, sendo que na cartilha várias delas são encontradas nos quadros com relação de palavras com “ch”, disponíveis abaixo do texto com a narrativa sobre o chapéu e que, em relação ao fazer gráfico, supõe a aprendizagem do gênero lista (uma palavra abaixo da outra, enumeradas). Além disso, há, ainda na lição do dia, um desenho de um chapéu pintado de vermelho, feito pela aluna, no início do conteúdo, remetendo à ilustração impressa na cartilha.

Nos exemplos a seguir (Fig. 09), todos de um caderno de 1991, aquele com maior número de recorrências de uso da *Caminho Suave*, as lições foram copiadas pelo aluno, tendo sido introduzidas algumas alterações. No primeiro caso, da lição da “telha” (lh); no segundo, da lição do “homem” (h); no terceiro, da lição do “avião” (ão).



Aqui interessa observar que a professora também seguiu um padrão gráfico nos mesmos moldes daquele da cartilha: listas de palavras em box, além das linhas das sílabas, dos desenhos com identificação do objeto, das lacunas a serem preenchidas, da equivalência no registro das palavras (lado a lado), da sequência dos quadrados para marcar a resposta certa etc. Não se pode naturalizar uma aprendizagem complexa dessa natureza, considerando que a aprendizagem da forma gráfica, da distribuição e organização espacial de tão diferentes formas de registros seja algo fácil para uma criança em fase de alfabetização. É preciso, pois, considerar e compreender esse aspecto como importante na aprendizagem da leitura e da escrita em geral e do uso do caderno em especial<sup>16</sup>.

Desta forma, ao considerar os exemplos acima, é preciso observar que “o caderno não é apenas um objeto, não é somente um suporte de registro, mas sim um dispositivo de aprendizagem gráfica, que permite à criança (ou ao adulto em processo de aprendizagem) entrar nas múltiplas funcionalidades sociais da escrita” (PERES, no prelo). Assim sendo, é sabido que

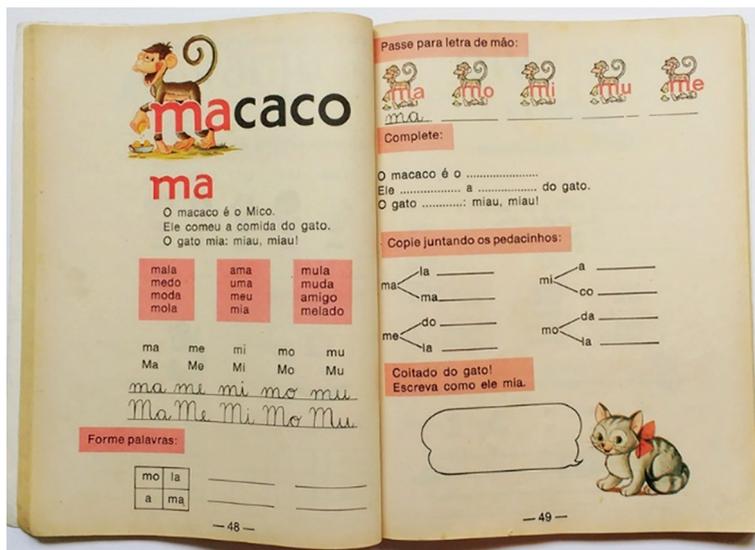
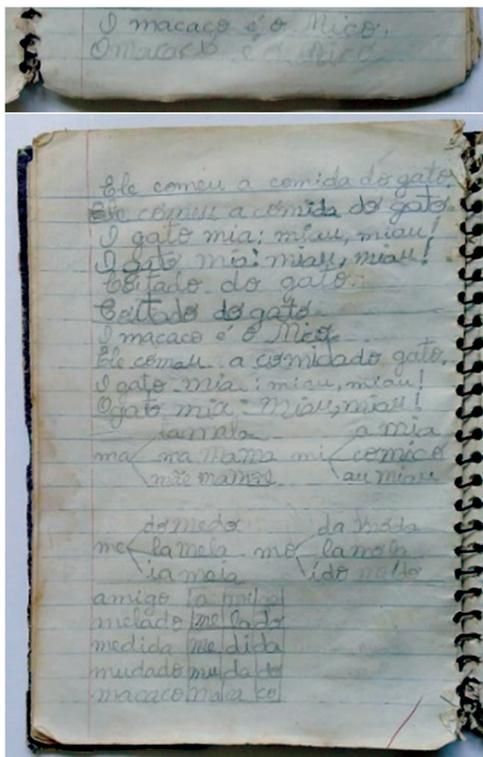
Seu uso e o processo de aprendizagem que desse uso decorre produzem efeitos importantes e aprendizagens marcantes (como, por exemplo, aprender a ordenar, classificar, listar, repertoriar, indexar, copiar, paginar, organizar, representar, nomear, dividir, separar, juntar, fazer tabelas, gráficos, colunas, agenda etc.). Toda uma organização gráfica (espacial e temporal) é aprendida no uso do caderno.

Na Fig. 10, a seguir, há duas páginas de um mesmo caderno que apresentam a lição do “macaco” (m), e ao lado estão as páginas da cartilha com a mesma matéria. É possível identificar a cópia do conteúdo, incluindo também a disposição e organização dos exercícios, com os mesmos elementos de conexão e separação, porém acrescentados de alterações da professora, quanto à ordem e quantidade de conteúdo. No trecho final de uma página e na seguinte, o aluno copia o texto inicial da lição, em três linhas. Em seguida, aparece a frase “Coitado do gato”, de outra atividade, na qual o aluno deve escrever como o gato mia, que não aparece na sequência da cartilha, mas no final da lição, na página seguinte. Após isso, há atividade de *Complete*, na qual o aluno completa as frases com palavras e verbos, nos mesmos espaços indicados na cartilha. Além disso, observa-se que a professora “incrementou” alguns dos exercícios, adicionando palavras: na atividade *Forme Palavras*, utilizou palavras com maior número de sílabas, com maior grau de dificuldade, no sentido inverso, propondo

<sup>16</sup> Sobre a importância e a necessidade de explorar esse aspecto, especialmente em estudos de/sobre cadernos escolares, ver Peres (no prelo).

a separação das partes em quadros a partir da palavra inteira; na atividade *Copie juntando os pedacinhos*, acrescentou uma palavra a mais nos exercícios das sílabas “ma”, “me”, “mi” e “mo”.

**Figura 10** – Páginas de caderno de 1ª série de aluna (C.08 – 1991) à esquerda e páginas 48 e 49 da *Cartilha Caminho Suave* (1985 – 91ª ed.) à direita.



Fonte: Acervo do Hisales.

No exemplo acima, apesar da troca de ordem das atividades e de algumas modificações nos exercícios, também se visualiza a utilização de dispositivos que possibilitam à criança uma aprendizagem gráfica, para além da prática do conteúdo em si. O uso de elementos nas atividades, tais como linhas indicativas e de preenchimento e quadrados, e a organização da estrutura dos conteúdos em geral são reflexos de um fazer gráfico, explorado pelos alunos.

Além do que já foi apresentado até então em relação aos usos da cartilha em sala de aula, é interessante destacar a permanência, utilização, recorrência e identificação da *Caminho Suave* nos cadernos, com o passar dos anos. Pela comparação entre os exemplos de dois cadernos distintos, é possível constatar a utilização e adaptação da lição do “xadrez” (x), com 22 anos de diferença – visto que um é de 1986 e o outro é de 2008. Observando o conteúdo das páginas dos cadernos, descritos no Quadro 03, o texto do bloco à esquerda (da década de 1980) apresenta uma adaptação do texto da lição do “xadrez”, que troca a palavra “xadrez” por “lixo”, enquanto que no da direita (da década de 2010) o texto aparece tal qual está na cartilha, cujo conteúdo não teve alterações entre as diferentes versões publicadas, conforme conferido nos exemplares do acervo pesquisado.

**Quadro 03** – Exemplos de adaptação e reprodução da lição do “xadrez” da cartilha *Caminho Suave* encontrados em cadernos de alunos, com diferença de 22 anos.

<b>Uso e adaptação da lição do “xadrez” da Cartilha Caminho Suave em cadernos de alunos com diferença de 22 anos</b>	
<i>Bebê mexeu na caixa de lixo. Puxou... Puxou A caixa caiu.</i>	<i>Bebê mexeu na caixa do Xadrez Puxou puxou A caixa caiu</i>
<b>Fonte:</b> Página de caderno de 1ª série de aluno (C.04 – 1986)	<b>Fonte:</b> Página de caderno de 1ª série de aluno (C.13 – 2008)

**Fonte:** Acervo do Hisales.

Sendo assim, a permanência do uso de *Caminho Suave* precisa ser destacada, uma vez que revela que um material didático, à revelia de avaliações, de novas teorizações e de sua disponibilização em programas públicos, mantém-se no cotidiano das salas de aula e é usado e adaptado de formas diferenciadas pelas professoras. Sendo assim, qualquer política pública de produção de material ou de formação docente precisa, necessariamente, conhecer, compreender e levar em consideração tais aspectos.

Por fim, encontraram-se também alguns casos em que é possível fazer inferência de uso da cartilha. Esses exemplos, inseridos na terceira das três categorias de recorrências elencadas nessa pesquisa (anteriormente apresentadas), são muitos e variados, seja pela utilização isolada de algumas palavras ou frases presentes na cartilha ou pelas imagens que se aproximam

daquelas veiculadas no referido suporte. Como não há exatidão nas referências e nem comprovação efetiva de aproveitamento da cartilha *Caminho Suave* nesses casos, optou-se por não detalhar exemplos neste trabalho, pois há elementos que são recorrentes e comuns também a outras cartilhas.

É importante registrar também que, de todos os cadernos analisados, apenas um deles apresenta em somente uma de suas páginas o título da cartilha *Caminho Suave* escrito pelo aluno de uma escola estadual da cidade gaúcha de Arroio Grande, em 1991. Assim como em outras pesquisas já realizadas no Hisales, observa-se mais uma vez que não é comum a prática de identificação e associação das atividades encontradas nos cadernos de alunos com as cartilhas às quais se relacionam, independente da década e do contexto ao qual pertencem. O fato de não se encontrar o título e/ou referências das cartilhas nos cadernos de alunos comprova a dificuldade de se pesquisar com temáticas que cruzem informações desses dois tipos de suportes, assim como reforça a necessidade de os pesquisadores e pesquisadoras desenvolverem alternativas de coletas e de análise de dados em estudos dessa natureza, com estratégias que sejam efetivas para que os resultados sejam eficientes, nas investigações propostas.

## Considerações finais

O artigo procurou explorar os modos de uso da cartilha *Caminho Suave* nas salas de aulas de escolas gaúchas. Não se partiu da premissa que esses usos seriam homogêneos e únicos; contudo, identificar a pluralidade da utilização desse suporte, as formas variadas e criativas com as quais as professoras lidam com os livros didáticos – no caso aqui em pauta com uma cartilha, especificamente – revela que elas adaptam, ajustam, inventam, reinventam os usos dos materiais didático-pedagógicos, aproximando-os de suas concepções pedagógicas e daquilo que consideravam as necessidades dos alunos e alunas, especialmente, nesse caso, no processo de alfabetização.

Há evidências suficientes, assim, para afirmar que um livro não é utilizado em sala de aula apenas na perspectiva que os seus produtores (autores, editores, ilustradores etc.) têm ou tiveram. Em sala de aula, nas mãos das professoras e das crianças, os livros ganham novos e diferentes sentidos e usos plurais. No caso do estudo realizado, identificou-se, pelos cadernos dos alunos, que a utilização longeva da cartilha *Caminho Suave* incluiu recortes de páginas ou partes das páginas, reprodução fotocopiada e mimeografada, desenhos reproduzidos por cópia ou recriação, adaptações de lições, criação de novas e diferentes atividades tendo por base a cartilha.

Se em relação ao conteúdo pode-se verificar isso – as cópias de lições e as adaptações variadas –, do ponto de vista de um modelo gráfico-editorial a

*Caminho Suave* também foi e tem sido paradigmática. Todo um fazer gráfico foi apropriado pelas alfabetizadoras, reproduzido por elas, ensinado aos alunos e por eles também aprendido e dominado, na relação cartilha-quadro-caderno. Fazer listas, quadros e colunas de palavras, linhas de sílabas, sequências de textos, preencher lacunas e “quadradinhos”, ligar sílabas e palavras usando flechas e outros recursos foi, para as professoras, um modelo de ensino da leitura e da escrita e, para os alunos, uma aprendizagem necessária e considerada importante no processo de alfabetização. Os cadernos dos alunos revelam isso. Aliás, se não fosse pela riqueza e grande potencial desses documentos históricos, pouco ou apenas parcialmente saberíamos acerca dos usos efetivos dessa que foi uma das mais importantes cartilhas na história da alfabetização brasileira: *Caminho Suave*. Pergunta-se, curiosamente, ao final do estudo: quantas gerações de professoras e de alunos ainda farão uso desse suporte em escolas brasileiras para ensinar e aprender a ler e a escrever? Nesse sentido, os desafios de pesquisas dessa natureza são permanentes.

## Referências

- CHARTIER, Anne-Marie. Fazeres ordinários da classe: uma aposta para a pesquisa e para a formação. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 157-168, dez. 2000.
- FOLHA DE SÃO PAULO. **Pioneira associou letras a imagens**. 25/11/1997, São Paulo, p. 10. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/>>. Acesso em: 22 set. 2014.
- HÉBRARD, Jean. Por uma bibliografia material das escritas ordinárias: o espaço gráfico do caderno escolar (França – Séculos XIX e XX). **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 115-141, jan./jun. 2001.
- HERREIRA, Tatiara Timm Carvalho; RAMIL, Chris de Azevedo. O uso da coleção de livros didáticos “Estrada Iluminada”: levantamento das personagens em cadernos de alunos (Rio Grande do Sul, 1940-1980). In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO (ASPHE), 22, 2016, UNIPAMPA, Bagé/RS. **Anais...** Bagé/RS: UNIPAMPA, 2016. v. 01. p. 1205-1222.
- MACIEL, Francisca Izabel Pereira. As cartilhas e a história da alfabetização no Brasil: alguns apontamentos. **Revista História da Educação**, n. 6 (11), p. 147-168, abr. 2002.
- PERES, Eliane. Cadernos escolares como fonte e objeto da História da Educação. In: VALENTE, Wagner. **Cadernos escolares e a escrita da História da Educação Matemática**. Porto Alegre: Editora da UFRGS (no prelo).
- \_\_\_\_\_. Um estudo da história da alfabetização através dos cadernos escolares (1943-2010). **Cadernos de História da Educação**, v. 11, n. 1, p. 93-106, jan./jun. 2012.
- PERES, Eliane; RAMIL, Chris de Azevedo. A constituição dos acervos do grupo de pesquisa “História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares” (HISALES – PPGE/FaE/UFPel) e sua contribuição para as investigações em educação. **História da Educação**, ASPHE, v. 47, p. 297-311, set./dez. 2015a.

PERES, Eliane; RAMIL, Chris de Azevedo. Alfabetização pela Imagem: uma análise das imagens da *Cartilha Caminho Suave* e do Material de Apoio. **Cadernos de Pesquisa em Educação**, PPGE/UFES, Vitória/ES, a. 12, v. 19, n. 41, p. 53-79, jan./jun. 2015b.

\_\_\_\_\_. Cartilhas produzidas por autoras gaúchas: um estudo sobre a circulação e o uso em escolas do Rio Grande do Sul (1940-1980). **Revista Brasileira de Alfabetização**, v. 1, p. 177-203, jan./jun. 2015c.

PERES, Eliane; VAHL, Mônica Maciel; THIES, Vânia Grim. Aspectos editoriais da cartilha *Caminho Suave* e a participação da Editora Caminho Suave Limitada em programas federais do livro didático. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 16, p. 335372, jan./abr. 2016.

VIEIRA, Cícera Marcelina; PERES, Eliane T.; RAMIL, Chris de Azevedo. A circulação e o uso de livros didáticos produzidos por autoras gaúchas: um estudo em cadernos de planejamento de professoras (1940-1980). In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO (ASPHE), 21, 2015, Caxias do Sul/RS. **Anais...** Caxias do Sul/RS: UCS, 2015. v. 01. p. 700-717.